viver.
Porto Alegre, 6, 7 e 8 de novembro de 2026 - Nº 13 - Ano 31
Caderno semanal do Jornal do Comércio

ARTUR KOCH/JC



Nascida em Guaporé em 1939, Maria Carpi é um dos grandes nomes da poesia feminina brasileira e latino-americana

Reportagem Cultural

Uma Maria com fé na palavra

Carol Zatt, especial para JC

Desde a última década do século XX, aqui no Rio Grande do Sul, especialmente na Capital, temos uma referência literária que surgiu e se mantém perene, da mesma forma, até hoje. Isso poderá ser verificado e comprovado com uma das atrações da programação da 72ª Feira do Livro de Porto Alegre neste fim de semana.

A Editora AGE produziu uma nova edição de *Nos Gerais da Dor*, o primeiro livro publicado de Maria Carpi, em 1990. Este fato marcou o momento em que a professora, advogada e defensora pública guaporense - que teve quatro filhos com o também escritor Carlos Nejar - foi apresentada ao público como poeta (embora ela sempre repita que é poeta desde o ventre da mãe).

Para marcar esse lançamento especial de uma versão bilíngue em espanhol com tradução do escritor argentino Leopoldo Brizuela e enriquecida de um texto da crítica literária Nelly Novaes Coelho como introdução, foi promovida a atividade *A Palavra Viva: poesia, linguagem e memória*. A palestra ocorre às 16h deste domingo, na Sala Vitrine de Lançamento do Clube do Comércio (Andradas, 1.085 - 3º andar).

Com participação do músico Cláudio Levitan, a consagrada poeta e o professor, editor e linguista Paulo Flávio Ledur - mostrando seu livro de memórias autobiográficas - conversam sobre a força da palavra na construção da literatura e da cultura, abordando a criação literária, a riqueza da língua portuguesa, o papel da leitura, da escrita e da edição de livros, aproximando diferentes gerações de leitores. Na sequência, às 17h, ambos participam de sessão de autógrafos.

Antes, em 2014, o primeiro título da autora - que estreou tardiamente, aos 51 anos de idade - já tinha sido traduzido por Brunello de Cusatis e editado na Itália por Morlacchi Editore, sob o título *Nel Dolore Sconfinato*. Seu reconhecimento internacional também veio com os livros *A Chama Azul*, sobre Joana D'Arc (com tradução de Helena Ferreira) e *O Herói Desvalido* (edição bilíngue com tradução de Helena Ferreira e Sandrine Pot) publicados na França, por Les Arêtes Editions, sob os títulos *La Flamme Bleue* e *Le Héros Malgré Lui*.

Maria Carpi é uma autora altamente premiada e alvo de diversas homenagens. Interessante observar que até mesmo o seu patronato na Feira do Livro é igualmente tardio, somente em 2018, quando ela já tinha 79 anos, o que era um desejo declarado. "Uma das grandes alegrias como poeta e escritora foi ter sido eleita Patrona da 64ª Feira do Livro de Porto Alegre, quando o livro sai das bibliotecas para a Praça, no encontro com os leitores".

Com o livro de estreia, ela já é reconhecida com o Prêmio Revelação Poesia em 1990 da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA). Seus poemas foram incluídos em *A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo*, de Nelly Novaes Coelho (Editora Siciliano/SP). Participou ainda de antologias de poesia e em revistas especializadas.

Na esteira, recebeu o Prêmio Erico Verissimo da Câmara Municipal de Porto Alegre em 1991. Pelo inédito *As Sombras da Vinha*, obteve Menção Honrosa no Prêmio Casa de las Américas/Cuba (1999). Foi ainda finalista do Prêmio Jabuti em 2001 com *A Migalha e a Fome*. Recebeu o Troféu Academia Rio-Grandense de Letras de Escritora do Ano em 2019.

"Quando eu li *Nos Gerais da Dor*, foi um rasgo de lucidez. A dor é uma pessoa que te confronta, a dor é uma pessoa que está fora de você. A dor nada tem a ver com as suas informações pessoais, é a dor de estar no mundo, a dor do atrito com o mundo. Ela revela, nesse livro, que, por mais que você tenha vivido esse sofrimento, se torna aí esperança - esperança de ser melhor, esperança de ser mais atento, esperança de nunca menosprezar o sofrimento do outro", conta o filho Fabrício Carpinejar, também escritor. Além de reconhecer o papel importante da mãe em sua formação (a mãe que o alfabetizou, que o acolheu, incentivou e não lhe colocou um rótulo), o autor reforça o quanto ela foi marcante para ele como poeta.

Mas a publicação dessa obra não é memorável somente de um filho perante sua mãe - ou de dois filhos, porque Rodrigo Carpi Nejar, promotor de Justiça e escritor, também lembra da sensação que foi aquele lançamento. "Foi uma Noite de Natal, com um monte de gente, no Teatro Renascença, para celebrar um livro que falava da dor, que ainda hoje, para mim, é um dos mais fortes. E não temos uma foto disso!".

O autor Dilan Camargo confirma que o "nascimento" de Maria Carpi como poeta foi um acontecimento literário, local e até nacional. "Ela surgiu como um fenômeno literário maduro, pronto. Uma poeta já com todas as suas armas e recursos e modos de dizer. Essas inéditas estavam prontas há muito tempo. Causou surpresa para alguns, para outros que a conheciam mais de perto não, porque sabiam, no seu círculo mais restrito, que ela sempre escreveu. E a escrita dela então surgiu no momento certo".

No retorno de sua parceria com a AGE, *A esperança contra a esperança* venceu o Troféu Alceu Wamosy de Poesia da Academia Rio-Grandense de Letras em 2024. E, com a obra mais recente, *O lugar do corpo*, é a atual vencedora do Troféu Açorianos de Literatura nas categorias Poesia e Livro do Ano. A premiação ocorreu em maio, próximo ao seu aniversário de 87 anos de uma tenacidade invejável.

Foi a quinta vez em sua trajetória que recebeu a estatueta criada pelo artista Xico Stockinger. A primeira vitória foi em 1997, com *Os Cantares da Semente*. As demais distinções foram entregues em 2004, 2012 e 2015.

Leia mais na página central

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Um novo e dinâmico teatro

No último dia 23 de setembro, a Fetrafi-RS e o Sindicato dos Bancários inauguram o Teatro dos Bancários, situado na rua Fernando Machado, 820, com capacidade para cerca de 300 espectadores.

Tenho uma forte lembrança do envolvimento do Sindicato dos Bancários com a cultura, e especialmente com o teatro, anda nos difíceis anos da ditadura. Olívio Dutra, mais tarde governador do Estado, então presidente do sindicato, aí pelos anos 1970, costumava adquirir ingressos sobretudo do Teatro de Arena, de Jairo de Andrade. Deve-se lembrar que o Arena era um espaço de resistência à ditadura, de tal modo que, em algum momento (1975, talvez?), quando a dramaturgia de Plínio Marcos estava totalmente proibida de ser levada aos palcos, Jairo de Andrade inventou um ciclo de leituras dramáticas dos textos do dramaturgo santista, um a cada semana, durante mais de dois meses, ciclo de que participei, enquanto jornalista especializado, mediando debates que se seguiam às leituras, a cada noitada. Eu saía correndo da redação do Correio do Povo, onde então trabalhava, subindo a Caldas Junior e a Riachuelo, cruzando a Praça e seguindo pela Duque de Caxias até o teatro. Na semana seguinte, publicava um longo artigo no jornal, recuperando o debate de cada semana.

O projeto arquitetônico de Voltaire Dankwardt teve de enfrentar sérios desafios, e não fora a experiência de Voltaire inclusive como cenógrafo de diferentes espetáculos, em décadas anteriores, talvez as coisas não tivessem se solucionado. Ocorre que o prédio disponibilizado é relativamente apertado entre duas outras construções. Assim, o projeto se concretizou enquanto uma construção vertical. Ao rés-do-chão temos o espaço de entrada; em seguida, sobe-se um primeiro lance de escadas para a sala de espera, propriamente dita, com um café que está sendo instalado; dali se entra diretamente no espaço do teatro, propriamente dito, que, por seu lado, é um quadrilátero comprido, com sala técnica nos fundos, palco sem saídas laterais (há duas saídas de fundo, lateralmente localizadas no piso do palco). No andar superior, encontram-se os camarins e salas técnicas. Há, inclusive, um espaço verde de descanso. Tudo isso é ligado por dois elevadores na parte frontal do prédio, disponíveis para o público em geral, e um terceiro elevador aos fundos, para técnicos e artistas. Mas é tudo intercomunicável, de modo que a proximidade entre público e elencos é muito grande, o que torna ainda mais emocionante a relação entre o espetáculo em si e a plateia.

A grande novidade do projeto de Dankwardt, contudo, é o conjunto de 330 poltronas retráteis, de modo que ali podem ocorrer espetáculos em palco elisabetano, em teatro de arena, em círculos circenses, enfim, no formato que cada produtor e elenco bem entender. Formado por módulos relativamente leves, que podem ser rapidamente deslocados, à semelhança do teatro Olga Reverbel, do Multipalco, a diferença é que, no Teatro dos Bancários, a movimentação é mecânica, enquanto que, no Multipalco, ela é realizada por funcionários da casa (aliás, esta formulação também ocorre no teatro do Bourbon Shopping, embora este seja um espaço imensamente maior).

No Teatro dos Bancários, tudo é intercomunicável, o que torna ainda mais emocionante a relação entre o espetáculo e a plateia

Já no primeiro espetáculo de teatro a que tive a oportunidade de acompanhar, me chamou atenção a qualidade acústica. Ela é excelente, não necessitando de microfones. As poltronas são confortáveis, mas, a exemplo do que ocorre com o Teatro Simões Lopes Neto e com a parte superior do Teatro da Santa Casa, as exigências dos bombeiros quanto á disposição de grades de segurança (?) se tornam extremamente prejudiciais a uma parte do público, atrapalhando e, às vezes, praticamente inviabilizando a visibilidade do espetáculo. Acho que os bombeiros precisavam atualizar urgentemente tais dispositivos, que acabam criando espaços mortos nestas salas de espetáculo.

No mais, só podemos nos alegrar com este novo espaço e com a programação projetada para os seus primeiros meses, que vai de um festival de teatro de bonecos (saudades de Canela...) às atrações do Porto Verão Alegre. O lugar é fácil de ser acessado, bem iluminado e certamente vai ajudar no projeto municipal de revitalização do viaduto da avenida Borges de Medeiros.

acontece

FABIO DEL RE/DIVULGAÇÃO/JC



Livro sobre a vida de Liciê Husche, expoente da tecelagem gaúcha, será lançado na Feira do Livro

Entre a roca, os fios e a memória

Andressa Pufal

Arte milenar nascida dos dedos das mulheres, a tecelagem e a tapeçaria artesanal há muito ocupam um espaço de fronteira nas artes visuais, frequentemente relegadas ao universo doméstico ou classificadas meramente como artesanato. No entanto, poucas figuras trabalharam com tanto rigor técnico, erudição e sensibilidade para subverter essa lógica no Brasil quanto a artista e tecelã gaúcha Liciê Hunsche (1924-2017).

Após mais de uma década de pesquisa em acervos e coleções particulares, a história desta precursora das artes têxteis do Sul do país ganha destaque no livro *Meadas do Tempo: vida e obra de Liciê Hunsche*. Organizado pela historiadora da arte e curadora Carolina Grippa e pela arquiteta Julia Hunsche, neta da artista, a obra resgata o percurso de Liciê, que, em sua produção, articulou alta estética, valorização de tingimentos naturais e processos totalmente artesanais.

Este interesse pelo natural levou Liciê a dominar todas as etapas da produção de lã. A artista se tornou pioneira no Estado a importar ovelhas da raça Karakul, de lã naturalmente colorida. Acabou se tornando uma das maiores criadoras de raça no Brasil, atingindo um rebanho de 300 animais, 70 deles com registro de puro de origem, usados exclusivamente para a tecelagem. "Ela tinha esse encantamento pelo natural desde sempre", analisa Julia, neta da artista. "Via a beleza no desalinhamento das coisas e deixava a natureza se manifestar livremente na sua arte."

O lançamento oficial do livro ocorre neste sábado, às 10h30min, no Mezanino da Casa de Cultura Mário Quintana (Andradas, 736), dentro da Feira do Livro de Porto Alegre. No evento, as organizadoras apresentarão a obra, que terá distribuição gratuita e limitada, viabilizada pela Lei Rouanet.

O livro se comporta quase como uma visita guiada. Costurando ensaios textuais de pesquisadoras a ensaios fotográficos, *Meadas do Tempo* entrelaça diferentes aspectos da vida de Liciê, passando pela roca o início de sua jornada, a lida com a lã, o interesse por processos naturais, a profissionalização de outras artistas em seu ateliê, o cultivo de orquídeas, até chegar nos seus últimos momentos de vida, quando foi acometida pelo Alzheimer. "Este livro é muito importante para resgatar uma história que é muito importante, mas que estava fragmentada", afirma Julia. "É uma forma de eternizar a produção dela na historiografia."

Nascida em Porto Alegre em 1924, Liciê Hunsche se aproximou do tear nos anos 1970, como refúgio após a perda do filho Walter, então com 18 anos, num acidente de carro. A artista foi muito influenciada por outra expoente da área, a artista Zoravia Bettiol, que incentivou seus primeiros passos na tapeçaria, bem como ministrou algumas oficinas para a então aprendiz.

Nos anos 1980, Liciê constrói sua casa-ateliê, na zona sul de Porto Alegre – espaço usado para processar a lã desde a lavagem, passando pela cardagem e fiadas na roca, para, ao final, serem transformadas na arte da tecelagem. Um processo 100% artesanal.

Vinda de Bagé e com formação artesanal transmitida por sua mãe e avó, a tecelã Leila Taborda rememora o aprendizado transformador ao lado da artista, parceira de trabalho e amiga por décadas. "Liciê me tirou do círculo vicioso de achar que o trabalho manual tinha que ser vendido barato. Ela dizia: 'Leila, o trabalho é teu e tu botas o preço'. Ela nos pagava o valor justo."

"Eu era acostumada, com a minha mãe, a fazer ponchos grossos para os trabalhadores das fazendas do interior. Chegando aqui, a Liciê me ensinou a delicadeza do fio. Ela me disse: 'agora tu não vais mais fazer poncho para peão, mas para patrão'", recorda. "A delicadeza é meio contraditória: com minha mãe aprendi a fiar a lã perfeitamente, na roca. Quando cheguei aqui, ela me disse: 'Não, Leila, eu quero o fio irregular. Se eu quiser perfeito, eu compro na loja. Quero o fio feito à mão, para a pessoa olhar e ver que tem alma'."

viver.

Editor-chefe: Guilherme Kolling
Diagramação: Gustavo Van Ondheusden e Ingrid Muller

Editor de Cultura: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

Publicação do Jornal do Comércio de Porto Alegre
Av. Ipiranga, 6681 - Tecnopuc - Prédio 99 - 4º andar | Fone: 3213-1300

fique ligado

Ocean Alley no Opinião

A banda australiana Ocean Alley se apresenta neste sábado, às 23h, no Bar Opinião (José do Patrocínio, 834), na primeira turnê do grupo pelo Brasil, que inclui também shows em São Paulo e no Rio de Janeiro. O show apresenta o álbum *Love Balloon*, de 2025, e traz ainda *hits* dos discos anteriores, como *Confidence*, *Knees* e *Yellow Mellow*. Restam poucos ingressos, que custam entre R$ 210,00 e R$ 420,00, com venda pelo Sympla ou na bilheteria física, na loja Planeta Surf do Bourbon Wallig (Assis Brasil, 2611).

Formado em Sydney em 2011, o sexteto combina rock psicodélico, reggae, surf rock e indie pop. *Love Balloon* estreou em primeiro lugar nas paradas australianas e passou de 75 milhões de streams, com os singles *First Blush* e *Tangerine*. Em abril, a banda lançou o EP ao vivo *Yellow Mellow - 10 Year Anniversary*.

CHARLIE HARDY/DIVULGAÇÃO/JC



Sexteto australiano apresenta álbum *Love Balloon* e sucessos de discos anteriores em show neste sábado

Maneva encerra turnê dos 20 anos com show na Capital

O Maneva se apresenta nesta sexta-feira, às 21h, no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685), em um dos últimos shows da turnê *Maneva - 20 Anos, Origem*, que celebra as duas décadas de carreira do grupo. Depois de 73 apresentações e um público superior a 200 mil pessoas, a banda traz o álbum *Origem*, de 2024, e sucessos como *Lágrimas de Alegria*, *Saudade do Tempo*, *Pisando Descalço* e *Seja Pra Mim*. Restam poucos ingressos, que custam entre R$ 95,00 e R$ 330,00, com venda pela plataforma Sympla.

Formado em 2005, o Maneva foi indicado ao Grammy Latino em 2021 com *Lágrimas de Alegria* e soma 13 álbuns. Integra o Top 200 do Spotify e está à frente da série de animação *O Cabeça de Folha*. Os integrantes são Tales De Polli (vocal e guitarra), Felipe Sousa (guitarra), Fernando Gato (baixo), Diego Andrade (percussão) e Fabinho Araújo (bateria).

Expresso 25 encerra temporada de espetáculo sobre Elis Regina

O grupo vocal porto-alegrense Expresso 25 encerra nesta sexta-feira, sábado e domingo, sempre às 20h30min, na Terreira da Tribo (Pátria, 98, bairro São Geraldo), a temporada do espetáculo *Expresso 25 com Saudades do Brasil*.

O repertório revisita quase na íntegra as canções do álbum duplo *Saudades do Brasil*, lançado por Elis Regina em 1980, com mais de 40 vozes e seis instrumentistas no palco, sob direção geral, arranjos e piano de Pablo Trindade e direção cênica de Carlota Albuquerque. O programa passa por canções emblemáticas da MPB como *Maria, Maria*, *Canção da América*, *Aquarela do Brasil* e *O que Foi Feito Devera*.

Os ingressos custam R$ 100,00 (inteira) e R$ 50,00 (meia-entrada), com venda pelo site Tri.RS.

Tablado Andaluz no CHC Santa Casa

O Tablado Andaluz apresenta *El Tiempo Entre Tacones – 35 anos do Tablado Andaluz* neste sábado, às 17h30min e às 20h, no CHC Santa Casa (Independência, 75). Com direção e coreografias inéditas de Andréa Franco, a montagem revisita o cotidiano do Tablado e resgata sensações, repetições, disciplina, técnica, trabalho coletivo e sentimento de pertencimento. Ingressos a partir de R$ 90,00, com venda antecipada e lugar marcado, pelo WhatsApp (51) 99873-0809 ou pelo Instagram @tablado.andaluz, e também no Tablado Andaluz (Venâncio Aires, 556) e no teatro, no dia 7, a partir das 14h.

Fundado em 1991 pelo casal de bailarinos Andréa Franco e Robinson Gambarra, o Tablado Andaluz é uma das primeiras escolas de flamenco registradas no Brasil e referência na formação de artistas no País e na Espanha. A família flamenca cresceu com o filho Pedro Souza, que assina a direção musical e canta no espetáculo, e com a filha Leca Gambarra, responsável pela gestão.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 06 DE NOVEMBRO

16h30min - Abertura da exposição *Objetos de Fé: a religiosidade na Santa Casa de Porto Alegre*, com imagens sacras, paramentos e artefatos litúrgicos da Capela Nosso Senhor dos Passos e peças da coleção do Cardeal Dom Vicente Scherer. No CHC Santa Casa (Independência, 75). Livre. Até 30 de novembro, das 8h às 18h30min.

18h - Projeto Porto da Música recebe Helô Marshall e Clarissa Ferreira, além de *DJ set* de Mely Paredes. Na Esplanada do Teatro Renascença (Érico Veríssimo, 307). Gratuito.

20h - O músico uruguaio Leo Maslíah e a pianista argentina Lorena Rizzo apresentam a comédia cênico-musical *La Clase de Piano*, no Teatro Bancários RS (Fernando Machado, 820). Após a apresentação, o local inaugura seu novo bistrô. De R$ 25,00 a R$ 70,00 (com direito a uma taça de vinho no evento), via Sympla.

20h - Transforma Cia de Dança celebra 40 anos com *Movimento I: Ensaios da Memória*. No Teatro Renascença (Erico Verissimo, 307). R$ 60,00 no Sympla. Repete sábado (20h) e domingo (18h).

20h - Ospa apresenta o concerto *O Piano Brasileiro e a Alma Japonesa*, com regência de Yusuke Kimoto, solo de Lucas Thomazinho e obras de Joe Hisaishi e Koichi Kishi. Na Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.501). Ingressos a partir de R$ 15,00 pelo Sympla.

20h - O Trio Elegância, com Alexandre Marques, Anderson Penha e Alexandre Rauen, celebra o rock das décadas de 1960 e 1970 no Bárbaros Cervejas Especiais (Ramiro Barcelos, 1.792). Entrada franca.

21h - Sinatra 1915 Tribute celebra Frank Sinatra no Hard Rock Cafe (Padre Cacique, 2.893). A partir de R$ 90,00 no site da casa.

21h - Paulo Ricardo traz turnê *Reinventar* ao Teatro do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80). A partir de R$ 70,00 no Uhuu.

21h - Tonho Crocco e banda prestam tributo a Tim Maia no Fuga Bar (Álvaro Chaves, 91). R$ 20,00 pelo Sympla.

SÁBADO, 07 DE NOVEMBRO

8h - Instituto Socioeducativo Afrolaboratório e o Museu da Cultura Hip Hop RS (Parque dos Nativos, 545) promovem a Copa dos Crias. Futebol de várzea, rap e arte urbana, com presença de DJ Ita e Batalha de Rima do Conhecimento. Entrada franca.

Das 10h às 19h - Feira Casa Cerâmica chega à 10ª edição, reunindo peças utilitárias, objetos decorativos, esculturas e biojoias feitas de forma artesanal. Na Travessa dos Cataventos da CCMQ (Andradas, 736). Gratuito. Transferência para 14/11 em caso de chuva.

10h30min - Lançamento do catálogo da exposição *Projeto releitura (1986-1987) – O gesto de ver outra vez*, com visita mediada especial. No Margs (Praça da Alfândega, s/n). Gratuito, com inscrição prévia. Exemplares a R$ 70,00 no local.

11h - Inauguração da escultura pública *Palafitas Emocionais*, de Rogério Pessôa, obra de 5m30cm em cerâmica e madeira que eterniza a memória da enchente de 2024, no Parque Mascarenhas de Moraes (Aloísio Filho, 570). Entrada franca.

Das 15h às 19h - Artista visual Zoravia Bettiol abre exposição com desenhos e gravuras de vários artistas, produzidos durante a década de 1940 e pertencentes à sua coleção particular. Na Galeria Zoravia Bettiol (Paradiso Biacchi, 109). Gratuito.

19h - *Clarividências*, de Larissa Sanguiné, com Grazi Silveira e Lisi Medeiros, estreia no Teatro Oficina Olga Reverbel (Riachuelo, 1.089). A partir de R$ 20,00 no site do Theatro São Pedro.

Das 19h30min às 0h - Encouraçado Butikin (Independência, 936) recebe Discorama - A Festa, com Denise Cruz e Gafa DJ trazendo clássicos dos anos 1970 ao início dos 2000. Inclui lançamento do espumante Discorama. R$ 80,00, pelo Sympla.

21h - Espetáculo *Elvis in Concert Live on Screen* une o telão com a voz original de Elvis Presley e banda ao vivo. No Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685). Ingressos no Bilheteria Digital.

21h - Show Internacional de Blues reúne o norte-americano Derrick "Big" Walker e a banda uruguaia La Máquina a Vapor no Grezz (Alm. Barroso, 328). A partir de R$ 30,00 no Sympla.

22h - Rock gaúcho e internacional com Jei Silvanno e João Bauken no Bar do Marinho (Octávio Corrêa, 39). R$ 15,00 no local.

DOMINGO, 08 DE NOVEMBRO

Das 17h às 20h - Evento Samba do Quintana ocorre na Travessa dos Cataventos da CCMQ (Andradas, 736). Roda de samba com participação de Igorzinho Peres. Gratuito. Em caso de chuva, o evento será transferido para 15/11.

reportagem cultural

Origem com bases sólidas

Carol Zatt, especial para o JC *

"Que desapareça a autoria e permaneça a poesia", é o que a premiada e reconhecida escritora Maria Carpi gosta de ressaltar. "Eu tenho uma ideia, tu vais achar esquisita: tenho pra mim que a boa poesia é aquela que, de repente, tu esqueces do autor". Para a intelectual gaúcha, os versos devem ter o seu protagonismo para o leitor.

No entanto, desde seu primeiro título publicado, *Nos Gerais da Dor* (1990), sua marca literária permaneceu e é muito difícil ler algo dela e não relacionar ao seu nome. O fato de ser uma poeta que escreve livros inteiros dedicados a um único tema é bastante singular. "Naquela época, as pessoas estavam precisando de um livro que falasse sobre a dor. A dor dos holocaustos, a dor das intempéries, a dor das violências. Por isso que escolhi, queria ser testemunho de um avanço melhor para a humanidade. E escolhi bem naquela época; eu já tinha 15 livros na gaveta. E agora tornamos a pensar novamente com as guerras, com os problemas da natureza, acho que estamos precisando de novo, porque muita gente não conhece esse livro", relata a autora.

ACERVO MARIA CARPI E FAMÍLIA/REPRODUÇÃO/JC



Com o pai Leonida e a irmã Cléa: "Graças a Deus, meu pai era pela cultura"

"Ela não trabalha com um livro, trabalha com um tema. É talvez a rara poeta temática do País, porque todos os seus livros são capítulos de uma visão de um mundo, são capítulos de ensaio em versos, exaustivo, uma investigação, seja semente, seja desejo, seja a fome, seja o corpo, seja o amor. Ela não faz versos avulsos, ela é uma costureira da unidade, ela busca a profundidade. Ela não quer o efeito do arrebatamento, ela quer o efeito da filosofia, da permanência, da descoberta, da aceitação", avalia seu filho, o escritor Fabrício Carpinejar.

A escritora tem uma longa produção, com ainda, atualmente, quase duas dezenas de títulos inéditos, sem previsão de lançamento. Faz, no mínimo, uma década que Maria pensa em tirar da gaveta *A Usura e a Pele*. "Eu quero publicar um livro muito importante, porque tu não mais te tocas, tu não mais abraças, tu não ficas mais junto. A usura da pele é maior que a usura do mercado. A pele da pessoa não é mais encontrada, o tato que dá o carinho, que dá o conforto, não existe mais. Então, esse livro está atualíssimo."

Professora de Literatura da Ufrgs, Cinara Ferreira afirma que ela é uma das autoras mais profícuas da literatura gaúcha e brasileira. "Acho que não há poetas que trabalhem de forma tão constante e aprofundada em um tema como a Maria Carpi. É difícil compará-la com outras escritoras porque sua poesia é única", analisa.

Em 2021, ela lançou sua primeira e única obra destinada ao público infanto-juvenil, que lhe é tão caro, pela editora ArdoTempo: *O Quebra-Galho e o Faz de Conta*. Em julho deste ano, Maria Carpi batizou a biblioteca da Escola Municipal Paixão Côrtes, colégio bilíngue de turno integral em Porto Alegre.

ACERVO MARIA CARPI E FAMÍLIA/REPRODUÇÃO/JC



Maria Carpi adolescente, na Serra

Semeando versos

"A dor é semente da esperança", diz Fabrício Carpinejar, completando que todos os livros de sua mãe, Maria Carpi, orbitam pelo plantio e pela colheita. Júlia Genehr Santana, doutoranda em Estudos Literários pela Ufrgs e professora de Literatura, Português e Inglês concorda com esta perspectiva. "É uma coisa que me chama muito a atenção, particularmente: a forma como ela consegue traçar uma espécie de linha que conecta todos os livros, desde o primeiro até o último publicado. Uma dessas conexões é através da metáfora da semente, bem importante para a obra dela".

Além desse como fio narrativo, a pesquisadora relembra ainda de outros temas que aparecem em sua escrita: a questão da dor, do desejo, do papel, do semeador e a vidência. "Essa ideia de que, enfim, aquilo que resta, a semente, ela também é matéria viva para produção de novas vidas. A semente enquanto potência. É preciso encontrar, descer até as profundezas da terra ou até de si mesmo, se permitir se despojar de quase tudo para que essa semente possa de fato resistir e sobrar", interpreta.

Júlia explica que ainda é possível identificar uma linha na ordem de publicação dos títulos, que conta uma história. "São muito importantes não só os núcleos temáticos em cada livro, mas a ligação entre eles e a ordem como vão aparecendo na poética da Maria Carpi", destaca.

Explicando que a presença do corpo é uma marcação de gênero na poesia, característica da produção feminina, Júlia relata: "No sentido de que ela se coloca como mulher em vários momentos, ela fala sobre o desejo. Tem um livro em específico que acho que é muito significativo desse corpo dessa mulher, que é o *Desiderium Desideravi*."

Cinara, por sua vez, retoma o exemplo da autora pela biografia. "Ser mulher e escrever, no passado e hoje ainda, é uma forma de afirmar um espaço para além do âmbito doméstico. Sua história de vida, tanto pública quanto privada, é, sem dúvida, uma referência de gênero. Maria Carpi faz relatos recorrentes do quanto estudar e ter uma profissão foi determinante para se emancipar e ter um espaço no mercado editorial já na maturidade".

DIEGO LOPES/DIVULGAÇÃO/JC



Poetisa foi patrona da Feira do Livro de Porto Alegre, na edição de 2018

Trajetória biográfica

Filha do italiano Leonida Carpi e de Eliza Margarida Bonatto, Maria Elisa Carpi nasceu em 27 de maio de 1939, na Serra Gaúcha, no então distrito de Muçum, hoje município, mas que na época pertencia à cidade de Guaporé. "Minha mãe era viúva quando casou com meu pai. Saíram de Muçum e compraram o hotel em Guaporé, que ficava dentro de uma quadra de pomar e flores, onde eu fui criada."

O filho Rodrigo Carpi Nejar pontua que a questão da origem é muito forte para a sua mãe. "Acho que isso faz muito parte da construção do imaginário dela, o próprio contato com a natureza, com horta, jardim, animais."

Maria Carpi recebeu uma educação contraditória, como alguns dos seus poemas, regrada pela mãe e anarquista pelo pai. Do pai, Carpi traz lembranças que a marcaram profundamente, como o seu violino e, da mãe, o avental branco, usado para cozinhar. O instrumento musical e o objeto deixaram sinais em sua infância e surgem na composição de algumas de suas poesias. A escritora estudou até sua adolescência no Ginásio Monsenhor João Batista Scalabrini.

"O italiano era ou pelo dinheiro ou pela cultura. Graças a Deus, o meu pai era pela cultura, e nos enviou pro Bom Conselho, eu e a minha irmã, Cléa Anna Maria Carpi da Rocha", conta. A inseparável amiga Nayr Tesser, sua colega desde o Jardim da Infância, veio junto para a Capital, para estudar no internato do colégio.

Maria começou a escrever poemas na adolescência e chegou a publicar em um jornal acadêmico, A Toga, durante a faculdade de Direito na Ufrgs, na qual ingressou com 19 anos. Formada em 1962, foi professora, advogada e defensora pública.

No ano seguinte à formatura, casou-se com Luís Carlos Versoni Nejar, com quem teve quatro filhos: Carla, Rodrigo, Fabrício e Miguel. Em 1982, passou a dar aulas na Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e participou nos movimentos que promulgaram a criação do Conselho Estadual de Direitos da Criança e do Adolescente (Cedica), participando como conselheira por duas gestões representando a Defensoria Pública e, depois, a OAB/RS, e dos Conselhos Tutelares. Ainda em 1982, ingressou no Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul. Representou, por dois anos, a Associação dos Escritores Gaúchos no Conselho Estadual

Obras publicadas

- **Nos gerais da dor** *(Movimento, 1990)*
- **Desiderium Desideravi ou O desejo de desejar-te** *(Movimento, 1991)*
- **Vidência e acaso** *(Movimento, 1992)*
- **Pequena Antologia** *(Coleção Petit POA; Sec. Munic. Cultura, 1992)*
- **Os cantares da semente** *(Movimento, 1996)*
- **Caderno das águas** *(WS, 1998)*
- **A migalha e a fome** *(Vozes, 2000)*
- **A força de não ter força** *(Escrituras, 2003)*
- **As sombras da vinha: poemas** *(Bertrand Brasil, 2005)*
- **O herói desvalido: poemas** *(AGE, 2006)*
- **Abraão e a Encarnação do Verbo** *(AGE, 2009)*
- **A chama azul** *(AGE, 2011)*
- **O Senhor das Matemáticas** *(AGE, 2012)*
- **O Perdão Imperdoável** *(Bertrand do Brasil, 2014)*
- **O cego e a natureza morta** *(Ardotempo, 2016)*
- **O desvario do pólen** *(Ardotempo, 2016)*
- **Tudo que é belo é efêmero** *(Belas Letras, 2017)*
- **Uma casa no Pampa** *(Ardotempo, 2018)*
- **O Quebra-Galho e o Faz de Conta** *(Ardotempo, 2021 -*

EDITORA AGE/DIVULGAÇÃO/JC

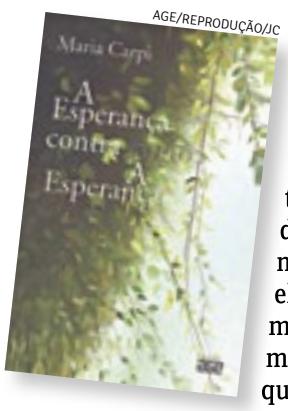


Maria Elisa: mulher, mãe, avó, amiga, colega

"Curiosamente, minha vó tem dupla personalidade: como escritora, ela é Maria Carpi; como defensora pública, mãe, avó e amiga, ela é Maria Elisa", narra a neta mais velha, Mariana Carpinejar, de 32 anos, no que parece ser uma anedota jocosa, mas que retrata exatamente como a autora fala de si mesma. A filha de Fabrício explica que Maria Elisa lhe ensinou a dar tempo ao tempo, a esperar as ideias amadurecerem antes de publicá-las, a respeitar o ritmo interno. "Enquanto a Maria Carpi parece jorrar poesia, escrevendo com uma rapidez e qualidade humanamente impossíveis (ela tem 23 livros publicados e 18 ainda na gaveta!), a Maria Elisa decidiu lançar o primeiro livro apenas aos 50 anos, entendendo seus próprios limites e esperando o momento oportuno para encontrar os leitores. Da Maria Elisa, levo a herança da semente: esperar no fundo da terra antes de virar árvore", diz, poetando também e demonstrando que foram vários os aprendizados com a avó.

Mariana admite-se viciada na obra de Maria Carpi. "Sua poesia me viciou, porque é uma fonte inesgotável: você lê uma imagem poética num livro – a dor, por exemplo – e depois a redescobre em vários outros livros da autora, sob diferentes perspectivas. Todos os livros juntos, em diálogo, reúnem pautas humanas essenciais, dando-nos a oportunidade de enxergar a vida poeticamente".

AGE/REPRODUÇÃO/JC



A neta primogênita tem a curadoria literária da obra de Maria Carpi, nomeada e registrada por ela em cartório. "Porque o mais importante é, quando me for, deixar a minha obra que está no computador. Eu botei pra cada filho um *pen drive* de tudo que tenho. E, depois, pensei o seguinte: mas quem entende bem da minha obra, lê com atenção e até me dá sugestões é a Mariana. Formada em Letras na Ufrgs, ela ajuda o pai, que tem confiança nela", explica a autora.

ACERVO MARIA CARPI E FAMÍLIA/REPRODUÇÃO/JC



Maria Carpi em seu aniversário de 65 anos, com as amigas Nayr Tesser (esq) e Isis da Silveira e a neta Mariana

Como curadora, Mariana administra o perfil @poetamariacarpi no Instagram. "Tenho certeza de que a obra de minha vó ainda vai alcançar uma circulação muito mais ampla, e estou trabalhando para que isso aconteça. Você, como repórter, poderá dizer que foi uma das primeiras a descobrir essa poeta magnífica."

Em entrevista, Maria confessa um sonho enorme: "Quando me for e os meus livros renderem alguma coisa, um lucro também físico, quero que fique tudo para a infância com necessidade. Todo o meu legado literário vai ser para a infância desamparada, que foi a minha grande paixão da Defensoria. Os meus filhos vão ter os bens materiais, mas não vão mexer no lucro da poesia. Todos eles já sabem. Está no evangelho, 'recebeste de graça, dai de graça'. Vai ser para uma ONG, elas vão escolher. Se eu tiver a honra de ter uma ONG Maria Carpi Para a Criança, vou ficar muito contente".

Rodrigo Carpi Nejar - que, curiosamente, se lançou escritor tardiamente, mais ou menos com a mesma idade dela, com *Insana Lucidez* (Bestiário, 2023) - conta as origens da família e fala sobre a personalidade da mãe, concluindo que a sua relação com ela é diferente da dos demais irmãos, pois precisou ser o "homem da casa" na ausência do pai. Clarice Lispector, Mario Quintana, Adélia Prado, Raquel de Queiroz, João Cabral de Melo Neto e Lya Luft estão entre as memórias de infância do promotor de Justiça, muitos como visita na casa da família no bairro Petrópolis. "Com cinco anos, fui, com a mãe, representando o pai, que estava viajando no exterior, no velório do Erico Verissimo, que morreu de uma forma súbita", ilustra. "Nossa história nos temperou. Volto a te dizer, isso é o que valorizo, a mãe é uma pessoa muito forte, não tem nada de frágil. Ela escolhe as coisas que ela quer para ela. Ninguém manda na mãe."

Como colega e amigo, o poeta Dilan Camargo diz que Maria é generosa, alegre, expansiva, piadista e ainda muito franca e leal. "Admiro ela como pessoa: uma mulher corajosa, firme, muito adiante de seu tempo, uma mulher afirmada, consciente do seu poder, da sua capacidade de visão e de análise do mundo, de explicitar o que pensa, de colocar essas ideias com clareza. Quando eu e minha esposa Magda a encontramos, é um momento de uma amizade no melhor tom, no melhor sentido e na sua melhor natureza, aquela gratuidade de efeito, aquela celebração da presença do outro."

Mais sobre Maria Carpi

- **Para conhecer**
  - *Autores Gaúchos – Nova Série; v. 9: Maria Carpi* (IEL; CORAG, 2002)
- **Para ver**
  - Documentário *Conversa de Livraria: Poesia compartilhada – Vida e obra de Maria Carpi* (2007), de Luzimar Stricher (disponível no YouTube)
- **Para estudar**
  - Artigo *A lírica moderna do Brasil através de quatro poemas de Maria Carpi* - Cadernos do IL/Ufrgs, Porto Alegre, n.º 58, outubro 2019
  - Dissertação de mestrado em Letras da Unisc, *A poética dos quatro elementos na obra de Maria Carpi*, de Adriane Ziegler (2015)
  - Revistas Eletrônicas Pucrs: Navegações Vol. 3, Nº 1 - *O germinar do ser: os cantos e os campos de Maria Carpi* (jan-jun, 2010), de Marcela Richter
  - Dissertação de mestrado em História da Literatura na Furg: *A força da poesia: uma leitura de Maria Carpi*, de Valéria Ferreira de Oliveira (2007)
- **Para compreender**
  - *Coragem de Viver* (Planeta, 2021), obra de Fabrício Carpinejar para comemorar os 30 anos de literatura da mãe

***Carol Zatt,** é jornalista cultural, mestre em Comunicação, especialista em Arqueologia e Patrimônio e pós-graduanda em Psicanálise. Membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Sul (Accirs), é mediadora, curadora e jurada em eventos artísticos.*

nas telas

NETFLIX/DIVULGAÇÃO/JC



***Vicentina Pede Desculpas*, com Rejane Faria, é um dos destaques da temporada brasileira**

Uma jornada em busca de perdão

Vicentina Pede Desculpas, novo filme de Gabriel Martins e parceria entre Filmes de Plástico e Netflix, chega a cinemas selecionados por todo o Brasil a partir deste final de semana. A obra chega às telonas após passar por alguns dos principais festivais de cinema internacionais, como o Festival Internacional de Cinema de Toronto (TIFF) e o Festival Internacional de Cinema de San Sebastián.

Na trama, Rejane Faria é Vicentina, uma senhora que perde o filho, Wesley, em um acidente de ônibus do qual ele era o motorista. Quando a tragédia ganha destaque nos noticiários, surge a suspeita de que ele possa ter agido de forma intencional. Abalada pelo luto e pela culpa, Vicentina decide procurar as famílias das vítimas para pedir desculpas. Além do perdão, ela busca compreender o passado do filho e encontrar um caminho para o seu próprio futuro.

Representante brasileiro na luta pelo Oscar

Filme representante do Brasil na busca de uma indicação ao Oscar 2027, *Feito Pipa* chega aos cinemas neste final de semana, após passagem bem-sucedida por festivais de cinema - como a estreia em Berlim, na Alemanha, onde levou um Urso de Cristal e o grande prêmio da mostra Generation K Plus, e em Gramado, no qual a obra conquistou quatro Kikitos.

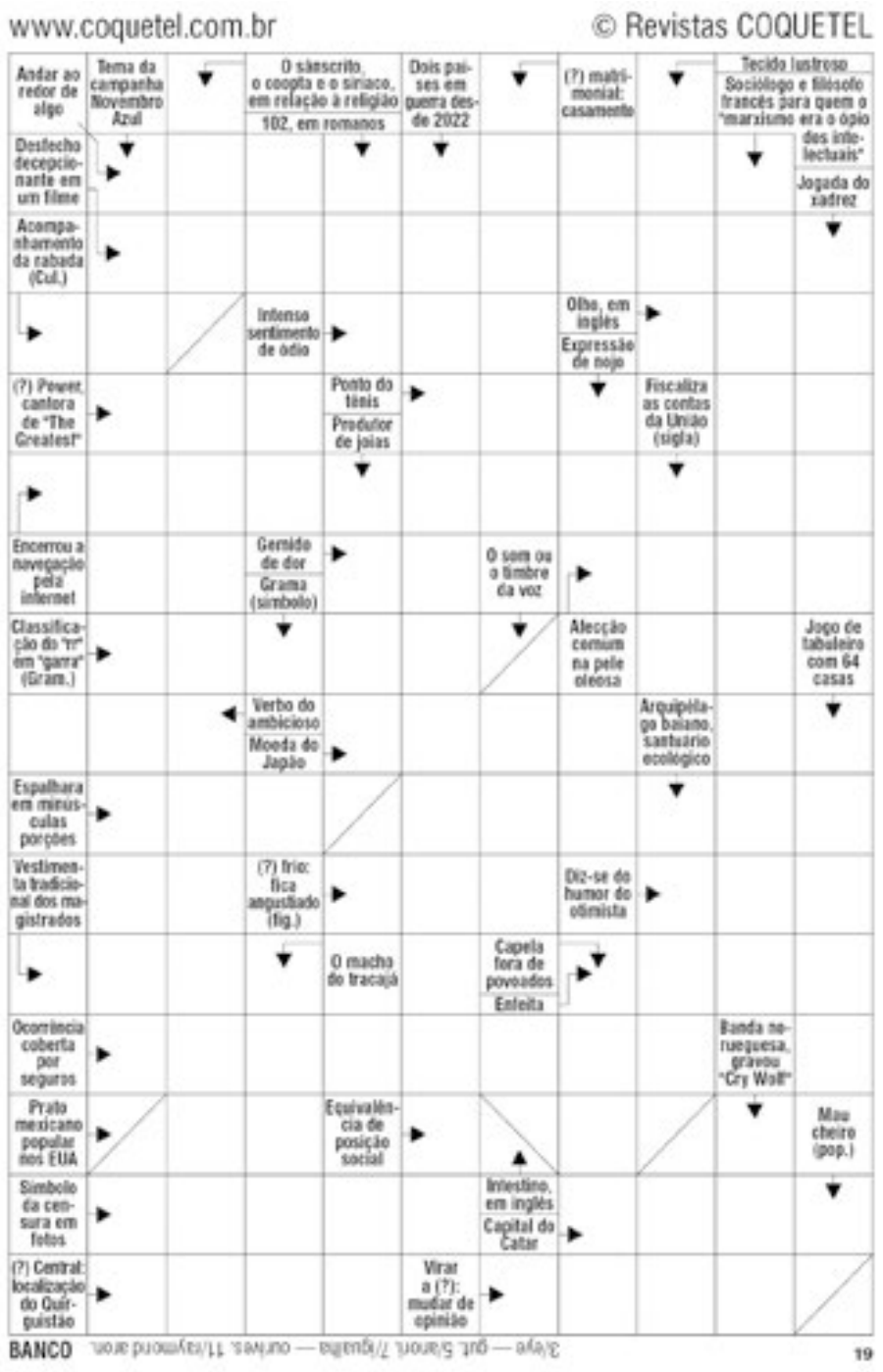
Feito Pipa acompanha Gugu (Yuri Gomes), um menino apaixonado por futebol que vive ao lado da avó Dilma (Teca Pereira), responsável por criá-lo de maneira livre e afetuosa. Ele vive seu primeiro desafio quando precisa encarar a possibilidade de morar com o pai (Lázaro Ramos), um homem incapaz de expressar seus sentimentos. Filmado no sertão do Ceará, a obra constrói uma narrativa delicada sobre amadurecimento, pertencimento, afeto e liberdade.

Martin Scorsese na Sessão Vagalume

Voltada a pais e filhos, a Sessão Vagalume exibe o longa *A Invenção de Hugo Cabret*, de Martin Scorsese, no sábado e no domingo, às 15h, na Cinemateca Capitólio (Demétrio Ribeiro, 1.085). O filme, vencedor de cinco Oscars, será apresentado em versão dublada, com classificação livre, e os ingressos custam R$ 10,00 (inteira) e R$ 5,00 (meia-entrada).

A trama se passa em 1931 e acompanha Hugo, menino órfão que vive escondido em uma estação de trem de Paris, na França, e tenta consertar uma máquina de aparência humana para desvendar uma mensagem oculta. As sessões integram a mostra *A Invenção do Cinema*, que celebra os 130 anos da primeira sessão de cinema em Porto Alegre.

palavras cruzadas diretas







Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: É tempo de confiar no futuro das alianças formadas por agora. O casamento começa a ganhar nova forma, assim como as demais associações significativas.

Touro: É tempo de agir com confiança e estar seguro de suas motivações. No trabalho e no conforto pessoal, é tempo de absorver as conquistas alcançadas, fazendo bom uso delas.

Gêmeos: Um dia vibrante para a vida amorosa, pelos sentimentos presentes e o bom potencial de troca e afinidade com a pessoa amada. Saiba se satisfazer com o que você tem de bom.

Câncer: A boa relação familiar está em relação com seu próprio bem estar hoje não é possível estar bem consigo mesmo se não estiver em harmonia com sua casa e família.

Leão: Um dia de oscilações de humor e de espírito mais introspectivo. As relações de cotidiano mexem com você. Procure se valer da melhor comunicação que você conquistou.

Virgem: É tempo de consolidar os resultados materiais pelos quais lutou, e talvez tenha alcançado, ao longo de todo este mês. Boa disposição para se divertir com os amigos.

Libra: Momento de conferir os resultados concretos que alcançou, quanto à renovação de sua própria identidade e da imagem pessoal. Veja como os outros lhe consideram.

Escorpião: Momento em que o futuro parece incerto, com você repensando a vida. Certas motivações já se apagaram, outras ainda não brilham o suficiente para lhe animar.

Sagitário: A participação social se apresenta de maneira renovada. Você se integra melhor a certos ambientes e grupos de pessoas. Reafirme os sonhos que você veio cultivando.

Capricórnio: Os novos caminhos abertos na profissão devem agora ser confirmados no cotidiano. Você já pode usufruir novas condições, em especial na atividade profissional.

Aquário: É tempo de ingressar por inteiro nos novos caminhos que foram se abrindo e se constituindo ao longo do mês. Hoje, boa disposição para o convívio com os amigos.

Peixes: Se ainda não se desfez por completo do que lhe incomodava, ainda é tempo. Talvez até seja o último momento útil para esse gesto. Um dia para trabalhar com gosto.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Lições de José Galló

José Galló, empresário, executivo, consultor e professor universitário, ingressou na Renner em 1991 , onde foi CEO até 2019. Após, foi Conselheiro e presidente do Conselho de Administração da Renner, permanecendo até 2024. Em 1991, a Renner tinha 8 lojas e valia em torno de um milhão de dólares. Quando Galló saiu, a Renner tinha 500 operações no Brasil e no Uruguai e valia em torno de seis bilhões de dólares. Hoje a empresa tem mais de 600 lojas.

Galló foi do Conselho de Administração da Ultrapar, Itaú Unibanco Holding, Localiza, SLC Agrícola, Banco Real e Grupo Argenta/Sim e vice-presidente do Conselho Deliberativo do Instituto Caldeira. Recebeu várias homenagens, entre as quais o título de Executivo de Valor do jornal Valor Econômico.

Em 2017 Galló lançou o livro *O Poder do Encantamento*, que já vendeu mais de 20 mil exemplares e agora, pela Editora AGE, recebe uma edição especial, revista e ampliada, incorporando aprendizados da trajetória mais recente e atualizando suas reflexões sobre gestão, liderança, sucessão e experiência do cliente. Galló segue ressaltando que encantar significa ir além da satisfação, superando as expectativas do cliente. Este propósito deve estar presente na mente de todos os colaboradores de uma empresa.

A obra original foi mantida. Novos capítulos enfocam quatro contextos: o processo de sucessão de Galló como CEO e escolha do sucessor; participação no Conselho da Renner e em outras companhias, com ênfase em aprender a contribuir de outro lugar, fortalecendo a governança sem interferir na gestão; visão sobre evolução da tecnologia, transformação digital, multiplicidade, dados, cadeia de suprimentos e novos cenários do varejo; e um relato sobre as atividades de José Galló nos últimos anos, reorganizando o tempo, desfrutando da convivência com a família, atuando em Conselhos, mentorias e investimentos e conversando com empreendedores.



"A forma de fazer negócios mudou muito, mas uma coisa não mudou: é preciso encantar o cliente. O que existe hoje são novas formas de fazer isso", sintetizou Galló, admirado e enaltecido pelos maiores empresários e executivos do Brasil.

Lançamentos



› **Travessia de um Promotor de Justiça – Sérgio da Costa Franco** (Evangraf, 318 pág) traz artigos, crônicas e relatos históricos do jornalista, historiador e Promotor de Justiça que marcou a história do Ministério Público, da imprensa e da historiografia rio-grandenses. MP, história, política, costumes e muito mais estão na obra organizada com carinho e competência por Maria Ignez Franco Santos e Isabel da Costa Franco Santos, integrantes do MP, filha e neta de Sérgio.



› **Ópera dos dias contados** (Editora Cinco Gatas, 176 pág, R$ 44,99), romance de ficção policial de Everton Gullar, autor de *Sociedade dos Corpos não Reclamados*, explora o realismo fantástico e acompanha a trajetória de uma mulher em busca de identidade e reconstrução. Morana, a protagonista, vive em meio a memórias sem significado e uma rotina marcada pelo isolamento, até surgir uma amizade inesperada.



› **Feito Tatuagem** (Bestiário, 106 pág., R$ 54,00), do poeta, escritor, tradutor e médico multipremiado José Eduardo Degrazia, da Academia Rio Grandense de Letras , traz microrrelatos , pensamentos, pequenas parábolas, jogos verbais e aforismos, sobre vida, morte e muito mais. "Nascemos ridículos, morremos ridículos, por que tanta pose no meio, doutor?" - eis o torpedo que abre o volume, repleto de ironia,humor e concisão.

e palavras...

SE

Se você já ouviu muitas e muitas vezes que o Brasil está à beira do abismo e que só não vai cair dentro dele porque o Patropi resiste a tudo (seca, saliva, pandemia, enchentes, governos, políticos, partidos, crises econômicas, deslizamentos etc) e é bem maior do que o próprio abismo;

Se você tem consciência plena de que, no Brasil, presente, passado e futuro são imprevisíveis (inclusive o autor dessa frase), que o Brasil não é para amadores e que é mais fácil e melhor amar o País do que simplesmente entendê-lo ou explicá-lo;

Se você consegue manter a calma, o discernimento e algum humor mesmo em meio e depois de tudo o que anda ouvindo de todos, toda hora, e do noticiário *fake* e não *fake*, impresso, radiofônico e televisivo;

Se você ainda consegue conviver, alguma parte do tempo, ao menos, com alguns parentes, colegas e amigos e ainda aguenta dialogar, ao menos uns minutos, em redes sociais, até sobre temas políticos, econômicos e de costumes, sem partir para agressões pessoais;

Se você por vezes acha que nossos conturbados e variados cenários e personagens rurais e urbanos estão mais para telas surrealistas do que para teorema matemático de Pitágoras;

Se você ainda acredita que somos um país extremamente rico, com recursos naturais abundantes , sem muitas tragédias ambientais e com material humano em quantidade e qualidade inigualáveis;

Se você tem consciência que temos cientistas, religiosos, juristas, atletas, empresários, jornalistas, servidores públicos, professores e intelectuais importantes e que até daqui a pouco podemos ganhar um Prêmio Nobel;

Se você acha que a maioria dos brasileiros não quer levar vantagem em tudo, que tem amor à Pátria e que vai conseguir desenvolver, ainda mais, o legítimo espírito público que tanto precisamos;

Se você acha que o saudoso e querido Dr. Alfredo tinha toda razão ao dizer que o Brasil tem jeito, desde que parassem de roubar tanto;

Se você acredita que o Brasil um dia deixará de ser o eterno país do futuro e que, em futuro breve, o parto lentíssimo do Brasil colocará na luz uma verdadeira Nação;

Se você acha que enquanto houver vida, haverá esperança, prosperidade e futuro digno para todos nós;

Se você acha que devemos acabar com tudo isso que nos separa, antes que tudo isso acabe conosco e com nosso país;

Se você acredita que devemos batalhar por um convívio harmônico, fraterno, democrático e plural que traga melhores dias para nossos filhos, netos e bisnetos;

Se você deseja que tenhamos uma República Federativa cada vez mais federativa, próspera, igualitária, democrática e verdadeira, com municípios, estados e cidadãos fortalecidos;

Se você tem fé em você mesmo e nos demais cidadãos e se entende que só pensando no melhor para o coletivo é que todos os indivíduos viverão com mais paz e progresso no País;

A propósito

Se você acredita que todo o poder emana do povo, que em seu nome deve ser exercido e que nossos três poderes - Legislativo, Judiciário e Executivo - devem ser independentes e harmônicos entre si , na forma delimitada pela Constituição Cidadã; e se você acredita que nossa Constituição de 1988 deve merecer a guarda, o respeito e a obediência pedidos pelo Deputado Senhor Diretas Ulysses Guimarães, bem, aí você é um bom brasileiro, um cidadão necessário, um brasileiro do bem. E aí, se formos em número suficiente e ouvidos, vamos deixar de ser um País e nos tornaremos a Nação com a qual, toda segunda feira, sonhamos.

(Jaime Cimenti)

sangue novo

Rock psicodélico vivo na união de 43duo e A Virgo

BARBARA SAFT/DIVULGAÇÃO/JC



Lançado em 28 de outubro, *Eremita* aproxima bandas do Paraná e Rio Grande do Sul em uma viagem atmosférica

Andressa Pufal

Um encontro musical que transcendeu fronteiras e diminuiu distâncias fez nascer o single *Eremita*, uma colaboração entre as bandas 43duo, de Paranavaí (PR) e A Virgo, de Novo Hamburgo (RS). Lançada oficialmente no dia 28 de outubro, a canção se consolida como uma amálgama perfeita dessas duas representantes do rock psicodélico feito muito longe das capitais. Com bateria dupla, guitarras melódicas, sintetizadores, saxofone e coros, a música ainda é o primeiro lançamento do Selo Outro Mundo Acontece (s.OMA), também de Novo Hamburgo.

O encontro aconteceu em 2023, quando a 43duo - Luana Santana (bateria) e Hugo Ubaldo (voz e guitarra) - veio ao Estado tocar no espaço da Outro Mundo Acontece (que agora inaugura seu selo). Na ocasião, precisavam de uma banda pra tocar junto e o *match* foi com A Virgo - Rafael Decarli e Victor Vitinho (guitarra, synth, sax e backing vocals), Patrick Bruxel (baixo), Leo Cezimbra (guitarra e synth) e Guilherme 'Nino' Moraes (bateria), que compartilhava da atmosfera psicodélica do grupo paranaense.

Desde então, a amizade cresceu e culminou numa turnê conjunta que deu origem ao *single*. Dos meses compartilhando estrada, casa, comida, palcos, cama e sofá, acabou surgindo um novo som, que desabrochou muito naturalmente na sala de casa de Luana e Hugo, no interior do Paraná. "Tudo começou com o riff inicial e depois o processo foi conjunto, vendo o que mais se encaixava", conta Hugo Ubaldo. "A gente compunha mais uma parte e se perguntava 'tá, e agora, a gente vai pra onde?' E a letra acabou sendo uma síntese das nossas andanças na turnê."

Eremita nos convida para uma viagem imersiva de quase 6 minutos. Com muito Pink Floyd na cabeça, os artistas compuseram um som que faz viver o psicodelismo em tempos de indústria musical enlatada. "Acho que é muito importante o artista independente produzir com liberdade", afirma Rafael Decarli. "Muitas vezes, quando entregamos o material para uma produtora, eles pedem limite de minutagem, uma estrutura específica, que tenha uma foto na capa etc. Isso acaba desincentivando a cena. A gente não está sendo pago para nada, então temos que desenvolver o que temos vontade."

É aí que entra a s.OMA. "A proposta do selo é viabilizar a vontade dos artistas independentes", resume Leonardo Broilo, representante do Selo e um dos produtores do single. "A gente quer que os artistas deem certo. E dar certo muitas vezes não significa chegar a um Lollapalooza, ou algo do gênero. Às vezes, significa continuar caminhando, criando, conhecendo pessoas e incorporando o som na nossa vida."

Refletindo a sintonia e a comunhão dos dois grupos, Eremita foi gravada ao vivo, com todos os instrumentos sendo tocados ao mesmo tempo. Mesmo que, neste tipo de gravação, alguns acordes se percam, a escolha foi de transmitir o sentimento de estar junto. "O som não sai tão puro, mas tudo se complementa e contribui para a estética do single", explica Leonardo.

Qual é a boa?

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



Nesta sexta-feira, a icônica Fernanda Abreu sobe ao palco do Bar Opinião para celebrar os 30 anos do seu disco *Da Lata*. Lançado em 1995, a obra impactou fortemente a cena musical brasileira ao misturar funk, samba, batucada, R&B, disco, música eletrônica e muito suingue urbano. No repertório, a compositora traz a íntegra do disco, com os *hits Veneno da Lata*, *Garota Sangue Bom* e *Brasil é o País do Suingue*. Pra mergulhar fundo na celebração, a artista remontou toda a estética do disco, com cenários, figurinos e projeções. Como se não bastasse, o show também celebra os 43 anos do nosso querido Opinião. É festa garantida. Ingressos no Sympla.

Andressa Pufal, repórter de Cultura-JC

TÂNIA MEINERZ/JC



Um dos lugares mais aconchegantes para curtir música ao vivo em Porto Alegre, o Café Fon Fon terá neste final de semana duas sessões de um espetáculo cênico-musical para lá de interessante. Em *La Clase de Piano*, os artistas Leo Maslíah e Lorena Rizzo interpretam o vínculo entre uma professora pressionada pelas dívidas e seu novo aluno, que aos poucos vai revelando não ser quem aparentava ser. Com humor absurdo e olhar crítico, a peça acaba propondo uma reflexão sobre a precariedade do trabalho artístico no mundo contemporâneo. As sessões são sábado (21h) e domingo (20h), com ingressos disponíveis no site do Café Fon Fon.

Igor Natusch, editor de Cultura do JC

TÂNIA MEINERZ/JC



Para terminar o fim de semana em grande estilo e com muito rock n roll, minha dica é passar na Marquise 51 na noite de domingo para conferir, a partir das 18h, as bandas Pata de Elefante e Quarteto Gaveta. O lendário trio gaúcho de rock instrumental agita a noite com sons como *Hey, Sai da Frente* e Soltaram!. Já a banda Quarteto Gaveto - que na verdade é um quinteto, que em algumas ocasiões vira até octeto - vai fazer a pista dançar com a voz de Paula Martini e Pedro Petracco nos covers de músicas como *She Came In Through the Bathroom Window*, numa versão de Joe Cocker, e *Hold on, I'm Comin'*, do Sam & Dave. Ingressos a R$ 20,00.

Joana Luna Camargo, repórter do JC

TÂNIA MEINERZ/JC



A dica é só para segunda-feira, mas vale muito a pena. Dez anos após a morte do escritor e roteirista gaúcho Max Mallmann, a Orquestra Literária realiza uma apresentação em sua homenagem no Centro Cultural da Ufrgs, unindo literatura, poesia e música ao vivo. Falecido aos 48 anos em decorrência de um câncer, Mallmann escreveu obras como *Confissão do Minotauro* (1989), *Mundo Bizarro* (1996, Prêmio Açorianos de Literatura) e *Síndrome de Quimera* (2000, finalista do Prêmio Jabuti), além de trabalhar como roteirista de produções televisivas como Malhação, Carga Pesada e A Grande Família. A entrada é gratuita e aberta à toda a comunidade.

Luciane Medeiros, editora de Opinião